

XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM
**TU
DEVES...**

#01



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

SUMÁRIO #01

SUMÁRIO

3

... espiar o editorial

5

... entrar no tema

8

... conferir a abertura

12

... ler o argumento

24

... buscar referências

26

... propor o seu trabalho

28

... garantir sua inscrição

29

... conhecer a diretoria e as
comissões organizadoras

TU DEVES...

... espiar o editorial

Alessandra Sartorello Pecego

Membro EBP- AMP

*Coordenadora da Comissão de Boletim das XIV
Jornadas da EBP-SP*



imagem: [kanhaiya-sharma_unsplash.com](https://unsplash.com/photos/kanhaiya-sharma)

Tu Deves...: um imperativo, um nome para nosso Boletim! Um convite para que os leitores façam um uso singular ao completar as reticências, cada um e cada uma a seu modo- ler, buscar, investigar, escrever, visitar, questionar, olhar, participar, festar...

Esperamos que muitos possam contribuir com essa construção em torno das Jornadas **Bem-feito, supereu!** e que esse espaço de escrita condense e divulgue nossas produções e registre e guarde seus produtos e seus restos.

Eis aqui a compilação de textos do lançamento das Jornadas para nossa comunidade analítica.

A Diretora Geral da Seção São Paulo, Veridiana Marucio, em seu texto de apresentação faz um apinhado do processo de escolha desse tema, ao propor enlaçar as propostas de continuidade de trabalho sobre o amor, o sintoma. Agora, como falar do mal estar, da agressividade, da transferência negativa, da guerra e não abandonar a clínica? Eis que surge a questão do supereu, a atualidade contemporânea dos sintomas clínicos sem mediação e o empuxo ao gozo. Surge a questão da prática analítica pautada no paradoxo de uma operação que tem o supereu como obstáculo e ao mesmo tempo como motor. Temos um novo campo de investigação.

A Coordenadora Geral, Camila Popadiuk, lança um texto de abertura dos trabalhos, faz um convite ao trabalho coletivo e a produção clínica. Esboça sua leitura crítica e afiada sobre o tema, marca a articulação entre Freud, Lacan e Miller sobre a relação entre amor, pulsão e supereu. Traz o jogo de sentidos entre a dimensão sádica do supereu: “Bem feito!” e a dimensão de um lado mais ameno e do lado do bem realizado: “Bem-feito”. Propõe uma investigação das diferentes formas de atuação do supereu, sua face ligada ao gozo e a aposta de uma análise poder operar um deslocamento de sua lógica opressiva.

A Coordenadora da Comissão de Orientação, Maria do Carmo Dias Batista, traz o texto produto das discussões entre diretoria, coordenação geral e sua comissão. Eis o argumento de nossas Jornadas, explorando o conceito de supereu, suas contradições, funções clínicas e como se articula nos sintomas de nossa época contemporânea. Traz a função do supereu tanto civilizatória, moral e ideal; como o outro lado, a sua face de punição, culpa e sofrimento. Toca no contemporâneo ao marcar o imperativo: “Goza” derivado do enfraquecimento do pai e marca os fenômenos e sintomas atuais na clínica das compulsões, dos diagnósticos identitários, do consumo desenfreado, dos excessos e da voracidade do supereu. Aborda o objeto voz ligado ao supereu, a voz interna e imperativa, não ligada a sonoridade e sim ao objeto. De seu texto, podemos levantar questões: uma análise pode levar a uma satisfação mais singular, menos mortífera? Como supereu e gozo feminino se articulam? Deixo aqui um imperativo: Tu Deves...Ler!

Convido a todos experimentarem alguns parágrafos retirados de textos de nossa convidada Carolina Koretizky, perceberão que já se iniciam o tom e estilo de quem fez e fará um trabalho muito “Bem-feito”, uma transmissão clara e precisa. Tu Deves...buscar referências!

Escrevam seus trabalhos, as Jornadas Clínicas já estão lançadas! As orientações, data limite de envio de trabalhos, formatação desembocam no imperativo: Tu Deves...propor o seu trabalho!

Inscrições! Começamos de portas abertas, link pronto, valores, fichas! Tu Deves...se inscrever!

Nós devemos...ou melhor, nós queremos...

Bom trabalho!

... entrar no tema

Veridiana Marucio
Membro da EBP/AMP
Diretora Geral da Seção SP



imagem: basil-smith_unsplash.com

Logo após o fim das últimas Jornadas, ao apagar das luzes da festa de encerramento, quando ainda estávamos entre o cansaço e a alegria do que havíamos vivido, percebemos que não havia muito tempo para esperar. Era preciso, quase imediatamente, correr para tomar algumas decisões. Mal terminava um encontro... e nós já estávamos construindo outro.

Começamos, então, a nos perguntar: onde serão as próximas Jornadas? Vamos mudar de local? Precisamos de um espaço maior? Quem vai coordenar? E, sobretudo: qual será o tema? Antes mesmo de fechar completamente um ciclo, já nos víamos implicados no seguinte.

Foi nesse movimento que, entre os jogos de amor e as parcerias contemporâneas, me veio à cabeça uma frase conhecida: “faça amor, não faça a guerra”. Ela surgiu como um clichê, mas rapidamente se transformou em questão.

Naquele momento, ainda não estávamos atravessados, como agora, por novos episódios de violência no cenário internacional. Poderia isso se tornar um tema para as Jornadas? E como isso se articularia com o tema da diretoria — ler um sintoma na época em que o Outro não existe? Num mundo em que a guerra muda de escala e de forma, atravessando territórios e redes, o que disso chega até nós, na clínica?

Foi então que me lembrei de uma cena. Durante uma tradução de Marie-Hélène Brousse, nos vimos, de repente, sem palavras. Havia algo do que ela dizia sobre a guerra que resistia à tradução. E ela disse: “você, brasileiros, não têm vocabulário sobre a guerra”.

Talvez não tenhamos mesmo. E talvez essa não seja a melhor ideia, apesar de sua pertinência. Então, falaremos de quê? O que poderia ser um tema atual?

Diante das crises econômicas, políticas e migratórias, vemos os discursos ideológicos retornarem com força, acompanhados por novas formas de violência e pelo crescimento de movimentos nacionalistas. São discursos que dividem, que organizam identidades rígidas — nação, etnia, ideologia — e que acabam por alimentar o ódio. Por que não, então, falarmos do ódio?

A psicanálise nos permite ler como o sujeito, em grupo, se deixa capturar por identificações coletivas e como, nesse movimento, algo do ódio ganha consistência. Podemos estar permanentemente conectados, constantemente informados, cercados de testemunhos e de memória, e ainda assim isso não basta para conter o ódio. Passaríamos, assim, do amor ao ódio — duas paixões trabalhadas por Lacan.

Troquei essa ideia com algumas pessoas, conversei também com a nossa convidada, e, a princípio, parecia uma via interessante de trabalho. Mas, durante uma supervisão com J.A. Miller, ao comentar sobre essa proposta, ele não deixou de observar: “não acho que seja um tema muito clínico... não sou a favor. Vocês têm outra coisa em mente?”

Outras possibilidades também haviam sido trazidas pelas colegas de diretoria. A transferência negativa havia sido considerada, assim como o supereu. O segundo, no entanto, apontava para algo ainda pouco explorado no campo freudiano e que se articula com o tema da diretoria. Ao final, após a conclusão da supervisão, uma última orientação: *les bienfaits et les mal faits du surmoi*.

Como transmitir isso? A expressão comporta uma ambiguidade difícil de traduzir: entre o “bem-feito” e o “malfeito”, traz também uma pluralidade de possibilidades. Ao tentar dizer isso em português, não sem impasses, fomos levados a uma solução que é também um equívoco produtivo: Bem feito!

Para lançar algo desse paradoxo nesta breve apresentação parto de Freud¹. Para ele, a civilização contém a agressividade, mas ao preço de instaurar uma instância interna que vigia e pune sem cessar. Mais ainda, ele indica que, no inconsciente, desejar equivale a agir, de modo que o sujeito permanece culpado tanto por satisfazer quanto por renunciar.

Vemos então que essa é uma lógica sem saída e é justamente isso que interessa a Lacan. Ao retomá-la, ele destaca o caráter obsceno e insaciável do supereu, que se apresenta menos como um conceito estabilizado e mais como um paradoxo cujos efeitos é preciso acompanhar.

A partir daí, podemos avançar um pouco mais e considerar que o supereu não se reduz à sua face tradicionalmente descrita como obscena e feroz, podendo ser compreendido como uma exigência que se exerce no campo da linguagem. Ele não está fora da linguagem, mas é efeito dela e se manifesta como uma pressão que incide sobre o sujeito.

1 FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras completas*, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Mas como pensar que algo da linguagem se manifesta como pressão? A via aberta por Lacan permite situar que a entrada na linguagem implica uma perda de gozo, ao mesmo tempo em que produz um resto que insiste. Esse resto, que não se deixa simbolizar completamente, retorna como exigência. Nesse sentido, o supereu pode ser pensado como efeito da linguagem, mas articulado a um gozo que ela mesma produz como exterioridade.

Nesse ponto, a distinção entre ideal do eu e supereu torna-se fundamental. O ideal do eu está ligado à identificação e à consistência imaginária, oferecendo ao sujeito um modelo, um ponto de orientação a partir do qual ele se reconhece, mas que nunca alcança. Quando o sujeito fala a partir do ideal, ele se inscreve em um discurso já dado, sustentado por significantes que o precedem, e sua fala tende a recobrir a divisão subjetiva, produzindo uma certa estabilidade.

O supereu, por sua vez, opera de outra maneira: não organiza o discurso nem oferece um modelo, mas se impõe como uma exigência, muitas vezes sem mediação. Lacan o aproxima da voz enquanto objeto e, nesse movimento, indica que o objeto a pode, em certos momentos, assumir uma função ainda mais radical que a do supereu, o que permite situar sua dimensão por vezes mais direta e até mais cruel².

Nessa perspectiva, o supereu não é apenas uma instância que proíbe ou idealiza, mas também uma força pulsional que empurra o sujeito em direção a um gozo impossível de alcançar. Lacan afirma ainda que o supereu não tem nada de natural³ e, ao mesmo tempo, ele é a marca desse impossível, algo de que não há como escapar. Bem feito!

É por isso que a análise não se orienta pelo ideal. O analista não ocupa o lugar do ideal do eu, embora o analisante, sobretudo no início, tenda a colocá-lo ali — e o mesmo vale para o lugar do supervisor.

Poderíamos, então, ser levados a pensar que o analista ocuparia o lugar do supereu. Mas não é disso que se trata. Ainda assim, o supereu se infiltra, se imiscui no dispositivo analítico e também na prática de supervisão. Como indica Lacan⁴, nesse movimento, o supereu pode funcionar como aliado, na medida em que também desaloja o sujeito de sua economia de prazer.

Por minha parte, eu diria que há um efeito superegoico em estudar o supereu. Lacan se pergunta: “o que é essa força demoníaca que empurra a dizer algo, ou seja, a ensinar?”⁵ E responde que é disso que acaba por se dizer que se trata do supereu.

Lacan nunca deixou de expressar o peso dessa tarefa. Podemos então nos perguntar se não teria sido necessário manter essa força em funcionamento e se ele não teria se servido dela para responder ao que tinha que fazer, à carga que lhe coube? E nós, podemos extrair daí algum ensinamento? Veremos o que nos aguarda nas XIV jornadas da Seção SP. Bem-feito supereu!

2 LACAN, J. O Seminário, livro 10: A angústia. (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Lição de 16 de jan.

3 LACAN, J. O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (1976-1977). Tradução não oficial. [S.l.: s.n.], [ano].

4 LACAN, J. Sur le plaisir et la règle fondamentale. Intervenção (1975). Lettres de l'École Freudienne, Paris, n. 24, 1978.

5 LACAN, J. O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (1976-1977). Tradução não oficial. [S.l.: s.n.], [ano].

... conferir a abertura

Camila Popadiuk

Membro da EBP/AMP

Coordenadora Geral das XIV Jornadas da EBP-SP



imagem: plbryk-tunnel-of-light_pixabay.com

“Do amor à morte”¹ é o título de uma conferência de Miller, na qual ele se apoia em dois textos freudianos – “Psicologia das massas e análise do eu” e “Mal-estar na civilização” – para destacar a forte ligação entre o amor e a pulsão. Neste caminho de Freud, do amor à morte, como pontua Miller, percorremos a gênese do supereu: inicialmente articulada à dependência do amor² e à “introjeção simbólica do Outro”³ e, posteriormente, retomada do lado do gozo⁴. Esta última perspectiva será desenvolvida por Lacan, que inclui a voz insensata como condição para a constituição do supereu.

O título das Jornadas – **Bem-feito, supereu!** – joga com um equívoco homofônico entre *bem feito/bem-feito*. Por um lado, *bem feito!* pode ser entendido como expressão de uma satisfação punitiva, revelando o lado sádico do supereu, sua dimensão maldosa e cruel. Por outro, *bem-feito* remete à qualidade de algo bem realizado. No entanto, quando colocado ao lado do supereu, surge a pergunta: seria possível conceber uma função ou um efeito do supereu nessa perspectiva, isto é, atribui-lhe algo da ordem do bem-feito?

1 MILLER, J.-A. Do amor à morte. *Opção Lacaniana on-line*, [s. l.], n. 2, ano 1, jul. 2010.

2 *Ibid.*, p. 2.

3 *Ibid.*, p. 12.

4 *Ibid.*

Bem-feito! – seguido do ponto de exclamação – pode ainda adquirir o valor de uma ordem quando lhe acrescentamos o *tu debes*, uma “modalidade do supereu”,⁵ resultando na seguinte fórmula: *Tu debes fazer bem-feito!* Temos, assim, duas leituras que condensam certos pontos nodais do supereu: a “neutralidade nociva”⁶, a função de “regra de conduta”⁷ e sua dimensão de voz de comando.

Quanto à leitura que afasta o supereu de sua função punitiva e de seu imperativo de gozo, aproximando-o do *bem-feito*, poderíamos talvez concebê-lo como aliado do analista, como propõe Adriana Campos. Apoiada em Lacan, ela destaca que a prescrição – *Diga tudo o que se passa na sua cabeça* – comporta um imperativo que convida à associação livre. Ao suspender a crítica e a vigilância, a regra fundamental abre a via para o gozo da fala⁸ e produz, como efeito, uma atenuação da potência superegoica. Na mesma direção, pode-se considerar que o ato criativo, no campo da arte, é um imperativo que impulsiona e faz o artista agir em direção à produção de sua obra⁹. A regra fundamental e o ato criativo implicam, portanto, em uma injunção, mas que não conduz necessariamente ao gozo mortífero. Coloca-se então a pergunta: esses imperativos têm a mesma natureza que o imperativo superegoico?¹⁰

Em seu texto “O humor”, Freud já indicava que há “muito a aprender sobre a natureza do Super-eu”¹¹, ao lhe atribuir também um “modo carinhoso e consolador ao Eu amedrontado”¹². Ele diz:

[...] conhecemos o Super-eu como um senhor severo. Talvez se diga que não harmoniza muito bem com isso o fato dele consentir em possibilitar um pequeno ganho de prazer ao Eu. [...] Mas atribuímos – sem saber exatamente por quê – um alto valor a esse prazer não tão intenso, sentimo-lo como particularmente libertador e exaltador¹³.

Assim, propõe-se, por um lado, interrogar a natureza do supereu e de certos imperativos que parecem ir em direção ao *bem-feito*; e, por outro, considerá-lo a partir dos três registros indicados por Miller: no imaginário, como “figura obscena e feroz”; no simbólico, como “lei insensata”; e no real, como não sendo “outra coisa senão o objeto *a* como voz”¹⁴.

Retomo a fórmula *tu debes fazer bem-feito!* para sublinhar que, na perspectiva do supereu ligada ao gozo, não se trata de ir em direção ao bem. Ao contrário: quanto mais o sujeito se submete a essa ordem, mais o supereu vocifera e o sentimento de culpa que surge como mal-estar é justamente a expressão de que não se alcança tal exigência e que ela não cessa de reclamar mais. Esse é o circuito do supereu: um movimento perpétuo que retorna sempre ao ponto de partida e cuja ética é a de fazer o sujeito ceder de seu desejo¹⁵.

5 CAMPOS, S. *Supereu/Uerepus*: das origens aos seus destinos. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p. 161.

6 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 319.

7 *Ibid.*

8 CAMPOS, A. Le surmoi, un allié de l’analyste. *La cause du désir*, n. 118, p. 43-48, 2024. (Tradução nossa).

9 REINOSO, V. H. L’impératif de l’acte créatif. *Mental*, n. 50, p. 107-112, nov. 2024. (Tradução nossa).

10 *Ibidem.*, (Tradução nossa).

11 FREUD, S. O humor (1927). In: Freud, S. *Obras completas*, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das letras, 2014. p. 330.

12 *Ibid.*

13 *Ibid.*, p. 239.

14 MILLER, J.-A. La clinique du surmoi. *Mental*, n. 50, p. 20-22, nov. 2024. (Tradução nossa).

15 MILLER, J.-A. Jogar a partida. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 90, p. 16-17, out. 2025.

É precisamente nesse sentido que Miller coloca em evidência a descoberta freudiana de que “o supereu engorda com a satisfação pulsional à qual se renunciou: [...] quanto mais se renuncia, o gozo pulsional, longe de se desvanecer, nutre o supereu, e se goza nesse lugar”.¹⁶ Esse é o paradoxo do supereu, ponto ao qual Miller nos conduz, não sem nos advertir que a ética da psicanálise não é a ética do supereu e que esta, por sua vez, tampouco é a ética do bem. Como ele afirma, “o paradoxo do supereu reside no fato de que o sujeito está ligado a alguma coisa que não lhe faz bem e que não contribui ao seu bem-estar. O supereu deve então ser incluído na mesma série da pulsão de morte e do masoquismo primordial”¹⁷.

Posta essa breve abertura do título das Jornadas, não pude deixar de notar que o caminho traçado pela Diretoria da Seção SP coincide com o caminho de Freud: do amor, tema das jornadas precedentes, à morte, que se apresenta aqui sob a forma do supereu.

É nesse horizonte que se situam estas Jornadas: demonstrar, a partir da clínica, as formas de incidência do supereu: suas diferentes vertentes, injunções e paradoxos, bem como suas formas contemporâneas de tirania, e mostrar como, sob transferência, é possível operar um deslocamento nesse modo de satisfação para que o sujeito não fique a sua mercê.

Trata-se também de interrogar, como assinala Carolina Koretsky, quais são as “consequências no social de um supereu que não é mais pensado a partir da introjeção parental – supereu que caminhará lado a lado com o ideal – mas um supereu ligado ao gozo que se nutre da renúncia pulsional que exige sempre mais”¹⁸. Nessa perspectiva, busca-se então elucidar os efeitos do funcionamento superegoico na constituição do sintoma¹⁹ nos dias de hoje. A este respeito, destaco uma orientação clínica de Lacan:

Todo analista será solicitado a dar [à voz do Outro] seu lugar e a seguir suas encarnações diversas, tanto no campo da psicose como, no mais extremo do normal, na formação do supereu. Ao situar a fonte *a* do supereu, talvez muitas coisas fiquem mais claras²⁰.

Esperamos que esse trabalho possa trazer novas iluminações sobre o tema do supereu!

As XIV Jornadas Bem-feito, supereu! acontecerão nos dias **16 e 17 de outubro de 2026** no Hotel Meliã-Paulista. É uma grande alegria anunciar Carolina Koretzky, (AME, membro da ECF e da AMP) como nossa convidada.

Daqui até lá, teremos três preparatórias, nas quais serão apresentados os três eixos temáticos que servirão de orientação para a escrita dos casos clínicos, a serem enviados até o dia **12 de setembro** para a Comissão de Orientação. Os textos selecionados comporão as mesas simultâneas da Jornada clínica que acontecerá na sexta-feira, 16 de outubro, no período da tarde. A formação de cartéis, como dispositivo de trabalho, é sempre muito bem-vinda. Inscrevam-se nesses pequenos grupos! Enviem suas contribuições clínicas!

A Comissão de Arte escolheu a obra **Fratura**, de Fernanda Leal, para compor o cartaz das Jornadas. Uma escolha que convida a refletir sobre o supereu como aquilo que surge do furo e, ao mesmo tempo,

16 MILLER, J.-A. Do amor à morte. *Opção Lacaniana on-line*, [s. l.], n. 2, ano 1, p. 13, jul. 2010.

17 MILLER, J.-A. La clinique du surmoi. *Mental*, n. 50, p. 18, nov. 2024. (Tradução nossa).

18 KORETSKY, C. Du nougae par le social. *Mental*, n. 50, p. 72, nov. 2024. (Tradução nossa).

19 MILLER, J.-A. Jogar a partida. Jogar a partida. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 90, p. 17, out. 2025.

20 LACAN, J. Introdução aos Nomes-do-Pai. In: LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 71.

como uma defesa frente a ele, tal como indica Miller, à luz do último ensino de Lacan quando ele afirma que o lugar do sujeito é o lugar do gozo e que é precisamente aí que surge a defesa primordial frente a ele²¹. É também, como ele diz, o “lugar de onde podem se elevar, se inscrever e se construir as outras instâncias da tópica freudiana: o eu e o supereu”²², bem como o lugar “onde, eventualmente, se alojará o sujeito suposto saber”²³. A obra do cartaz evoca ainda o ato criativo como um saber-fazer com isso e faz alusão ao bom uso do supereu como um efeito da experiência analítica, já que dele não nos livramos.

Tu debes - uma das expressões do supereu, que a Comissão de Boletim tomou emprestada para dar nome ao boletim das Jornadas. Ao acrescentar as reticências, **Tu debes...** ganha o valor de um convite... à leitura, à escrita, à participação. O primeiro número de **Tu debes...** estará disponível a partir de 16 de abril de 2026.

Tu debes... se inscrever nas XIV Jornadas da Seção SP: as inscrições já estão abertas. Para maiores informações, sigam nossas páginas no Instagram (@jornadasebpsp) e no Facebook (Jornadas Ebp-Sp), ou acessem o site da Seção SP.

Tu debes... ir à festa, se divertir, dançar, cantar. A festa **Cante com Sade** será no sábado, **17 de outubro**, das **20h às 2h** da manhã, na Casa Bartira, em Perdizes. Em breve, a Comissão de Acolhimento e Festa divulgará mais informações sobre a venda dos ingressos e de tudo que **Cante com Sade** nos reserva!

Finalmente, agradeço à Diretoria da Seção São Paulo pela confiança depositada em mim ao me convidar para coordenar estas Jornadas. Expresso também minha satisfação em trabalhar com Maria do Carmo Dias Batista, coordenadora da Comissão de Orientação. Faço também um agradecimento muitíssimo especial a todos os setenta e cinco colegas que aceitaram compor as nove comissões de trabalho e que, certamente, tornarão possível a realização destas Jornadas.

Que a exigência de um trabalho *bem-feito* seja nossa aliada!

Obrigada.

21 MILLER, J.-A. *Todo mundo es loco*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2015. p. 322. (Tradução nossa).

22 *Ibid.*

23 *Ibid*, p. 323. (Tradução nossa).

... ler o argumento

Maria do Carmo Dias Batista
AME da EBP/AMP
Coordenadora da Comissão de Orientação
das XIV Jornadas da EBP-SP



imagem: piro4d-dice_pixabay.com

1. O que é um argumento?

A princípio, argumento é uma discussão em defesa ou refutação de uma ideia, de uma tese, de um texto, de um manifesto. Faz-se por meio de um conjunto de razões ou provas reunidas em construção lógica, para chegar a uma conclusão, ou, ainda, no lugar dessa construção, pode ser composto de perguntas e respostas.

Quer convencer, tornar crível, persuadir.

Em nosso caso, fazer crer que o tema e o título das Jornadas podem propiciar efeitos de formação em psicanálise e aglutinar em torno deles (do tema e do título) nossa comunidade de trabalho. Com tal finalidade, fornece elementos para ampliação do debate e desdobramento de novos textos, a serem eventualmente apresentados em plenárias ou mesas simultâneas das Jornadas.

O tema das XIV Jornadas teve origem em uma supervisão de Veridiana Marucio, Diretora da Seção São Paulo, com Jacques-Alain Miller, em novembro de 2025. Disse ela dos temas propostos até então pela Diretoria, entre os quais o supereu. Somente este contou com o ânimo de Miller, arrancando sua conjectura sobre um possível título: « *Ah! Le mal fait e le bienfait du surmoi* ». Em seguida, perguntou como ficaria a

frase em português e Veridiana respondeu que talvez ficasse estranha... Ela, então, propôs “O malmequer e o bem-me-quer do supereu”. JAM disse não acompanhar essa construção, acrescentando que o mais importante seria manter, no título, as duas faces do supereu, ou seja, também o bem-feito e não somente o malfeito pelo qual é tão conhecido.

Depois de muitas discussões e mais de 40 propostas de títulos em torno da frase e do comentário de Miller, o núcleo das Jornadas, formado pela Diretoria, pela Coordenadora das Jornadas e pela Coordenadora da Comissão de Orientação, chegou ao título: **“Bem-feito, supereu!”**

Bem-feito, como adjetivo, indica o bem realizado, bem executado [*bienfait*].

Bem feito, sem o hífen, como interjeição, é a exclamação irônica que se faz quando advém uma desdita [*mal fait*] a alguém por culpa própria.

O ponto de exclamação ao final reitera a ironia.

O título, portanto, mostra a dupla face, bem/mal, do supereu, com ironia, graça, equívoco, contradição do hífen, e, certamente, fracasso em obter uma frase impecável no português.

Ainda sobre hifens, o tradutor de Freud no texto “O Eu e o Id”¹, pela Companhia das Letras, prefere usar Super-eu [*Uber-ich*, no original], com hífen e maiúscula, por manter em destaque o “Eu” do original. Optamos por utilizar supereu, como está no Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis², e em toda a obra de Lacan traduzida pela Zahar. Além disso, a grafia supereu facilita a remissão ao francês *surmoi*. O prefixo “super” [*Über - Sur - Super*] tem aqui acepção de “em cima de”, como em “sobrepôr” ou “supercílio” e não o sentido de abundância ou excesso.

2. Uma definição de supereu

No texto “O Eu e o Id” [1923], da segunda tópica (ou segunda topologia), Freud define o supereu (ou ideal do Eu, como usa indistintamente nesse texto) como instância formada pela “gradação do Eu, por uma diferenciação em seu interior”³. Uma parte do Eu se opõe à outra, julga-a de forma crítica e a toma como objeto. Essa acepção foi também tratada em outros textos como “Introdução ao narcisismo” [1914] e “Psicologia das massas e análise do Eu” [1921]. A diferenciação ocorre por *cisão* da identificação primitiva ao pai, que fica isolada, e “não se inscreve nas numerosas identificações do Eu, fundando uma instância psíquica diferente, o supereu. Este se posiciona como ‘juiz’ do Eu”⁴. Encarna os objetos primitivos, coloca-se como guardião da Lei e proíbe sua transgressão.

Tratar do supereu é um respeitável programa de trabalho para os seis meses que nos separam das Jornadas. Aqui, neste argumento, discutiremos, um tanto ligeiramente, sua origem, a relação com a Lei, com os imperativos, com a voracidade, com a voz, com a sublimação e, finalmente, o que de bem pode fazer o supereu (o bem-feito!), ou seja, como ajuda a psicanálise e o psicanalista.

1 FREUD, S. “O Eu e o Id” [1923-1925]. *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 16, 2011, p. 34.

2 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, junho de 1992, p. 497.

3 FREUD, S. *Idem*.

4 CAMPOS, A. *Ce qui commande le surmoi - Impératifs et sacrifices au XXI^e siècle*. Presses Universitaires de Rennes : Rennes, 2022, p. 173. Tradução livre.

3. Origens do supereu: o monumento

“Assim (como o pai) você *deve* ser”.

“Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz. Há coisas que continuam reservadas a ele”.⁵

A prescrição da primeira frase, seguida da proibição na segunda, mostram, em Freud, o funcionamento por imperativos do supereu: *deve!* *não pode!* Porém, mais importante, as frases marcam a origem do supereu na identificação primária da criança ao pai, “o pai da pré-história pessoal”.⁶ A frase prescritiva ordena uma identificação simples e positiva, e a frase com a proibição indica uma reação, uma “enérgica formação reativa”⁷ ao Id. Essa dupla face do supereu forma-se na repressão ao complexo de Édipo.

Depois da dissolução do complexo de Édipo, há, no Eu, uma substituição da posição objetal dos pais. De objeto da libido, pai e mãe passam a figurar como duas identificações. Essa substituição deixa resíduos e, do conteúdo restante, surge o ideal do Eu, o supereu⁸. Mesmo devendo sua existência a essa reviravolta, o supereu se empenha na repressão ao complexo de Édipo. Diz Freud em “O Eu e o Id”:

“O supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob a influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa”⁹.

Na gênese do supereu temos ainda de considerar a longa imaturidade-dependência infantil do humano e, como vimos, o seu complexo de Édipo. O supereu representa a introjeção das influências parentais e de suas proibições. Sua função é impor limites, cobrar condutas e gerar sentimentos de culpa ou orgulho, regulando a relação do sujeito com as normas sociais e culturais.

A vertente “ideal do Eu”, como quer Freud ao ligar os conceitos¹⁰, satisfaz a tudo o que se espera de “elevado” no ser humano, ou seja, o “bem-feito” do supereu, sua função civilizatória. Como substituto ao anseio dos pais, contém o princípio gerador de todas as religiões, o sentimento de humildade, inspira professores e autoridades a continuar a tarefa dos pais, exerce a censura moral e forja o sentimento de culpa – religião, moral, sentimento social, ciência e arte: as conquistas éticas do humano nele têm sua gênese psíquica¹¹.

Freud, ao discorrer sobre As Relações de Dependência do Eu, na parte V de “O Eu e o Id”, chega a uma preciosa sinopse sobre as origens e as funções do supereu:

5 FREUD, S. “O Eu e o Id”, op. cit., p. 43.

6 *Idem*, p. 38-39.

7 *Idem*, p. 43.

8 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*, op. cit., p. 222.

9 FREUD, S. *Idem*.

10 Segundo Miller, a diferença entre eles é que o ideal do Eu sustenta uma função de idealização e o supereu de interdição. MILLER, J.-A. “Clinique du surmoi”. *Mental – Revue Internationale de Psychanalyse*. Euro Fédération de Psychanalyse, número 50, Paris, novembre 2024, p. 14. Tradução livre.

11 FREUD, S. “O Eu e o Id”, op. cit., p. 46-47.

“O supereu deve sua especial posição no Eu [...] a dois fatos: é a primeira identificação, acontecida quando o Eu ainda era fraco, e é o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, introduziu no Eu os mais imponentes objetos. [Ele] conserva por toda a vida o caráter que lhe foi dado por sua origem no complexo paterno, ou seja, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo. **É o monumento** que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu e que mantém seu predomínio sobre o Eu maduro”¹².

4. Supereu: Lei e identificação ao pai

O sujeito, desde antes de sua primeira “respiração”, pura carne voraz, antes dos balbucios de língua, está submetido à Lei simbólica. A fala e a linguagem são sua maneira de existir, de encontrar um lugar no mundo e, óbvio, são fundamentais para a psicanálise. Lacan, no início de seu ensino, instaura o supereu em uma posição essencial para a aquisição da linguagem. Como diz Adriana Campos, “o supereu é a marca da inscrição do sujeito na Lei da linguagem, é ‘o caroço’ da linguagem. Pelo fato de ser a primeira inscrição e, por esse motivo, não estar submetido à dialética simbólica, comporta um aspecto insensato, feroz e ilegal”¹³.

Então, é o próprio simbólico a introduzir a insensatez da Lei, tendo como núcleo o supereu. No caroço, na raiz do imperativo, a Lei se reduz a um inexplicável “*Tu debes!*”, sem qualquer sentido, e, por isso, caprichoso e tirânico. Assim, ao mesmo tempo, o supereu é a Lei e sua destruição.¹⁴ Diz Lacan no Seminário 1:

“[...] o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar ao que chamo *figura feroz*, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu”¹⁵.

Como vimos, a identificação ao “complexo paterno” é anterior ao declínio do Édipo, anterior à formação do supereu. A Lei simbólica se instaura desde o princípio, porém, segundo Freud, o supereu somente é incorporado como instância psíquica a partir do complexo de Édipo, mais precisamente, de sua dissolução.

No mito, quando Édipo, movido pelo desejo de saber e tendo realizado o maior desejo do humano, o incesto, descobre a tragédia de sua vida até então bem-aventurada, e enuncia *me phynai* (preferiria não ser, preferiria não ter nascido), cegando-se, funda a Lei da proibição do incesto. Em Totem e Tabu, o assassinato do pai (da horda) “é de revolta, de necessidade [...], proveniente de uma conjuração”¹⁶. Como salienta Carolina Koretzky¹⁷, Lacan, no Seminário 18, contrapõe Édipo a Totem e Tabu. Diz ele: “[...] a função-chave do mito se opõe rigorosamente nos dois. Lei desde o começo, no primeiro, tão primordial que exerce suas represálias mesmo quando os culpados só a violam inocentemente, e é a Lei, ainda, a saída da profusão do gozo. No segundo, [ao contrário], originalmente gozo, depois Lei [...]”¹⁸.

12 FREUD, S. “O Eu e o Id”, op. cit., p. 60.

13 CAMPOS, A. *Ce qui commande ...* op. cit., p. 174.

14 *Idem*, p. 56.

15 LACAN, J. *O Seminário – livro 1. Os escritos técnicos de Freud [1953-1954]*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983, p. 123, *apud*. Adriana Campos, op. cit. p. 56.

16 LACAN, J. *O Seminário – livro 18. De um discurso que não fosse semblante [1971]*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 150.

17 KORETZKY, C. « Du nouage par le social ». *Mental – Revue Internationale de Psychanalyse*. Euro Fédération de Psychanalyse, numéro 50, Paris, novembre 2024, p.70. Tradução livre.

18 LACAN, J. *O Seminário – livro 18*, op. cit., p. 148-151.

Continuando com Carolina Koretzky: “Passar do mito de Édipo ao mito de Totem e Tabu implica, pois, passar da mãe – como o próprio modelo de objeto perdido – à mulher, o que constitui uma mudança profunda em relação à Lei e ao que funda o pacto social”.¹⁹

Lacan, no Seminário 7, diz: “Mas, atenhamo-nos ao supereu edipiano. Que ele nasça no declínio do Édipo quer dizer que o sujeito incorpora sua instância. Isso deveria colocá-los na trilha”²⁰.

A *incorporação* do supereu equivale à incorporação dos objetos primários e a trilha, para Lacan, é a trilha da melancolia, paradigma freudiano das manifestações clínicas do supereu, junto com a neurose obsessiva. Ainda em Freud, à clínica do supereu correspondem: “Os arruinados pelo êxito”, “Os criminosos por sentimento de culpa” e “As neuroses de destino”. Fenômenos nos quais a palavra tem um peso oracular, a Lei insensata se apresenta como um destino implacável e, como afirma Lacan, a voz do imperativo é instaurada no lugar do Outro.

5. Supereu: os imperativos

A nossa época, marcada pelo declínio das referências paternas e pela queda dos ideais, pode ser considerada *a época dos imperativos*, na qual “o imperativo superegóico se desenvolve em sua dimensão de puro imperativo de gozo, de puro capricho, esvaziado de toda a relação com a moral”.²¹ Época das depressões e das infinitas apropriações das categorias da doença mental, com o imperativo “eu sou isso, essa sigla”: TDAH, TOC, Bipolaridade, Bulimia, Toxicomanias, Alcoolismo, Obesidade, Consumismo, Compulsões. Época da revolução bariátrica e das canetas emagrecedoras. Das cirurgias plásticas e dos procedimentos dermatológicos deformadores. Do Triunfo da Religião.²² Da *Deep Web*. Da pornografia. Da psicose ordinária.

Época, conforme Laurent Dupont, de uma “clínica do significante-mestre instável [...] que provoca flutuação. [...] o significante-mestre não é mais tão mestre para ancorar o sujeito, tornando-o ainda mais flutuante”²³.

Freud já se perguntava de onde o supereu tira forças para o domínio sobre o Eu, para “o caráter coercitivo que se manifesta como imperativo categórico”²⁴. Da proximidade com o Id, no nó das pulsões. Nomeadamente, tira forças da pulsão de morte.

Portanto, desde Freud, o imperativo do supereu *Tu debes!* obedece à lógica do imperativo categórico kantiano, ou seja, “*Tu debes* agir de maneira tal que a máxima de tua vontade possa sempre valer como princípio de uma legislação que seja para todos”. Kant visa ao bem comum. Ou ao Bem Supremo, como diz Lacan. No contemporâneo, o imperativo poderia expressar-se em linguagem tecnológica, de computação: “*Nunca ajas senão de modo que a tua ação possa ser programada*”. Desse modo, para Lacan, o contemporâneo estaria, como está, acentuadamente desprendido do Bem Supremo²⁵.

19 KORETZKY, C. op. cit., p. 71.

20 LACAN, J. *O Seminário – livro 7. A ética da psicanálise* [1959-1960]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 368.

21 CAMPOS, A. op. cit., p. 119.

22 LACAN, J. *O Triunfo da Religião, precedido de Discurso aos Católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

23 KORETZKY, C. « Du nouage par le social ». In. : *Mental – Revue internationale de psychanalyse*, n. 50, novembre 2024, apud. DUPONT, L. “La mentalité, le S1 et la certitude”. In. : *Mental*, n. 49, juin 2024, p. 126. Tradução livre.

24 FREUD, S. “O Eu e o Id”, op. cit., p. 43.

25 LACAN, J. *O Seminário – livro 7*. op. cit., p. 99.

“A efetuação de uma subjetividade que mereça ser chamada de contemporânea, de um homem de nossos dias, que tem a sorte de ter nascido em nossa época, não pode ignorar esse texto [Crítica da razão prática]. [...] é preciso ter atravessado a prova de sua leitura para medir o caráter extremista, e quase insensato, do ponto em que nos acua algo que possui, contudo, sua presença na história – a existência, a insistência da ciência”²⁶.

Kant publicou a Crítica da Razão Prática em 1788. Sete anos depois, em 1795, foi lançado o livro A Filosofia na Alcova, do marquês de Sade. Estamos na época da Revolução Francesa. O livro preconiza incesto, adultério, roubo, e a queda dos imperativos da Lei moral kantiana. Seu imperativo: “Tomemos como máxima universal de nossa ação o direito de gozar de outrem, quem quer que seja, como instrumento de nosso prazer”²⁷. Sade responde a Kant com o Ser Supremo em Maldade.

No escrito Kant com Sade, Lacan articula os dois imperativos, responde à moral kantiana com a antimoral sadiana e concentra-se no imperativo sadiano: *Goza!* Que nunca se satisfaz. Diz ele, ainda no Seminário 7²⁸: “Em suma, Kant tem a mesma opinião de Sade. Pois, [...] para abrir todas as comportas do desejo, o que Sade nos mostra no horizonte? Essencialmente a dor. A dor de outrem e, igualmente, a dor própria do sujeito [...].

6. Supereu: voracidade, gulodice, glotonaria

Lacan utiliza o significante *gourmandise* (voracidade, gulodice, glotonaria) duas vezes a propósito do supereu:

1ª) Em Televisão, diante da afirmação de J.-A. Miller de que gozamos tão mal porque existe repressão ao sexo, por culpa da família e da sociedade, Lacan responde dizendo ser o recalque o gerador da repressão e não o contrário. Essa foi a virada da segunda tópica. Em seguida, diz: “a gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural – não é um efeito da civilização, mas um *mal-estar (sintoma) na civilização*”²⁹. Lacan faz, portanto, uma aproximação entre o recalque e a voracidade do supereu, ambos estruturais, primários, e não produtos da cultura. Reaparece a identificação primária ao pai na origem do supereu.

2ª) No Seminário 18, ao falar do mito de “Totem e Tabu”, Lacan afirma que, nele, “o pai goza de todas as mulheres, até ser abatido pelos filhos, sem que tenha havido entendimento prévio entre eles, de modo que nenhum deles sucede o pai em sua glotonaria de gozo”³⁰. Ao invés disso, os filhos devoram o pai em comunhão totêmica. O contrato social *ninguém tocará na mãe* se produz a partir daí. Onde estaria a manifestação do supereu? Tanto na glotonaria de gozo do pai totêmico quanto na Lei estabelecida pelos filhos com o imperativo *Nemo matrem tanget*.

Miller³¹ esclarece que, em Televisão, quando Lacan nomeia de gulodice a exigência de gozo do supereu, responde à frase freudiana de “O mal-estar”, “cada renúncia à satisfação pulsional reforça a severidade do supereu”³². Quanto mais severo o supereu, mais guloso, mais ordena o gozo.

26 *Idem*, p. 98.

27 *Idem*, p. 100.

28 *Idem*, p. 102.

29 LACAN, J. “Televisão” [1973]. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 529/530.

30 LACAN, J. *O Seminário – Livro 18*, op. cit., p. 148.

31 MILLER, J.-A. « Clinique du surmoi », op. cit., p. 19.

32 FREUD, S. “O mal-estar na civilização” [1930-1936]. In.: *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras. Volume 18, 2010, p. 97/99.

O supereu é, ao mesmo tempo, legislador e transgressor. Lacan se vale dos mitos de “Édipo” e de “Totem e Tabu”, no Seminário 18, para ilustrar o paradoxo do supereu, como já havia feito antes com Kant e Sade. Na época do declínio do pai, fica patente a glotonaria, a voracidade do gozo, como forma de apresentação do supereu.

O imperativo de gozo: *Goza!* produz o empuxo a gozar cada vez mais. Trata-se da ordem de ferro, particularmente eficaz na neurose obsessiva: trabalhe! não admita falhas! submetase!

7. Supereu: a voz

J.-A. Miller, na conferência “Do supereu à voz como objeto *a*-fônico”, diz que o supereu freudiano é o nome mais próximo da divisão do sujeito no sentido de Lacan (\$). O supereu em Freud pode ser a causa de fenômenos clínicos derivados dessa divisão, tendo o fantasma como paradigma. Fantasma que se poderia traduzir como “Um sujeito é barrado”, em jogo com “Uma criança é espancada”³³.

Na clínica do início da análise, o momento em que fica patente a divisão (\$) do sujeito é aquele onde o supereu intervém na experiência. É o inerte, o congelado, o não-dialetizado na palavra do analisante³⁴. O momento afônico.

A voz está em primeiro plano no supereu, diz Miller³⁵. Lacan, no Seminário 16, é enfático: “É impossível conceber a função do supereu sem compreender o que acontece com a função do **objeto a** efetivada pela voz como suporte da articulação significante, a voz pura, tal como é instaurada [...] no lugar do Outro [...]”³⁶.

Fundamental saber se a voz está ou não no lugar do Outro para se falar de supereu e, ainda, levar em conta que a voz habita a linguagem, assombra-a, é o suporte gozoso da articulação significante.

A voz dos imperativos do supereu aparece, paradoxalmente, nos momentos de eclipse do sujeito, um sujeito, cito Miller, “absorto e eclipsado nos enunciados do supereu, com eles confundido durante toda a sua existência”³⁷ ... até que seja capaz de produzir uma enunciação.

Sigamos com Lacan: “Uma voz não é assimilada, mas incorporada. É isso que pode conferir-lhe uma função que serve de modelo para o nosso vazio”³⁸. O vazio da castração. Portanto, a voz não se escuta no registro sonoro, é próprio dela ser áfona. É a operação de castração simbólica que esvazia a voz de sua substancialidade sonora e abre passagem à função significante³⁹.

Desse modo, há uma relação estreita entre a voz e o que vem do Outro. Lacan aponta: “Há alguma coisa na voz que se especifica topologicamente, uma vez que em parte alguma o sujeito fica mais interessado

33 MILLER, J.-A. “Del superyó à la voz como objeto *a*-fônico”. In.: *Freudiana*. Revista de la ELP, número 98, parte I, 2023. Tradução livre.

34 MILLER, J.-A. *Idem*.

35 *Idem*.

36 LACAN, J. *O Seminário - Livro 16. De um Outro ao outro* [1968-1969]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 250.

37 MILLER, J.-A. *Idem*.

38 LACAN, J. *O Seminário - Livro 10. A Angústia* [1962-1963]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 301.

39 CAMPOS, A. *Ce qui commande...* op. cit. p. 145.

no Outro do que através desse objeto a "⁴⁰. Refere-se aqui à topologia do furo em uma esfera dobrada sobre si mesma. Algo semelhante ao órgão auditivo.

8. Supereu e sublimação

Apenas umas poucas palavras para situar a relação do supereu com a sublimação, um dos destinos da pulsão.

A sublimação consiste em desviar as forças pulsionais sexuais para um alvo não sexual, para atividades socialmente valorizadas como a arte, a ciência e o esporte. É preciso destacar sua ligação com o desejo, motor da criação, e com o humor, que minora o sofrimento⁴¹.

Depois da introdução da pulsão de morte, por Freud, a sublimação passa a ser vista como liberadora das pulsões agressivas do supereu, as quais lutavam contra a libido, deixando o Eu exposto a maus-tratos e morte.

Lacan, no Seminário 7⁴², relaciona a sublimação à libido objetal, coisa não evidente, pois, a princípio, a formação de um ideal sublimatório pareceria descartar a libido. Porém, a sublimação satisfaz a pulsão, deslocando o alvo.

Da relação entre sublimação e supereu se disse pouco. Lacan, ainda no Seminário 7, aponta o *Mal-estar na civilização* como um desregramento no qual o supereu encontra em si mesmo seu próprio agravamento por ruptura dos freios que o sustentavam. No interior desse desregramento, no fundo da vida psíquica, as tendências podem encontrar sua justa sublimação⁴³.

9. O bem-feito do supereu: conclusão

Afinal, pode o supereu fazer algo bem-feito?

Como fazer bem-feito com esses elementos díspares que o caracterizam? Em Freud, cito Paula Maia: “[...] Pai edipiano, ameaça de castração e lei interditora”. Em Lacan: “Pai real/originário, castração estrutural e Lei insensata do gozo”⁴⁴.

Como pode fazer bem-feito se habita o paradoxo legislador-transgressor?

Entre Lei, voracidade, voz, e os imperativos (*Tu deves!*), o que do supereu pode vir em auxílio do sujeito, de sua análise ou mesmo da psicanálise?

40 LACAN, J. *O Seminário - Livro 16*, op. cit., p. 249.

41 MENDES, E. *Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites*. Consulta em 8.3.2026. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007.

42 LACAN, J. *O Seminário - Livro 7. A Ética da Psicanálise*, op. cit., p. 121.

43 LACAN, J. *Idem*, p. 178/179.

44 MAIA, P. “Supereu na diferença sexual e a ubiquidade do gozo”. Trabalho apresentado nas Jornadas de Cartéis de 2025 da EBP-SP. Coordenação Mirmila Musse. São Paulo, 06.12.2025.

9.1. Satisfação

Lacan, no texto “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache”⁴⁵, utiliza o termo lugar de *Mais-Ninguém* para ali isolar a defesa primordial do sujeito, defesa ligada ao supereu. Uma clareira na floresta das pulsões, ou, como ele escreve “círculo queimado na mata das pulsões”⁴⁶.

O círculo é o *lugar de uma ausência*. Diz Lacan: “essa ausência do sujeito coerente é o que melhor caracteriza a organização do Id [...]. Toda coisa é chamada para esse lugar para ser *lavada da falha* [...]. Nesse lugar de *Mais-Ninguém* só se faz ouvir o silêncio da pulsão de morte”⁴⁷.

Cito Licene Garcia: “arrisco a dizer que esse círculo [...] é o lugar do qual se decantaria a letra, na medida em que, ao demarcar uma borda, delimita um dentro e um fora topologicamente a partir do furo. Uma vez que é somente do lugar de *Mais-Ninguém* que cada um está sozinho em seu modo de gozar”.

E, no mesmo texto, Sérgio Laia, “um tratamento conduzido por um analista pode transmutar o *lugar nenhum*, marcado e assolado pela segregação e pelo negativo, em *lugar de mais-ninguém*, eivado de gozo, ou seja, de uma satisfação não-negativizável”⁴⁸.

Portanto, no *lugar da ausência*, do furo, da marca inaugural da linguagem no corpo, onde se inscreve a identificação primária ao pai e *se engendra* o supereu, pode também surgir uma satisfação.

O que nos leva à questão: seria possível satisfação sem supereu?

Seria possível satisfação sem os ecos da pulsão de morte?

9.2. Gozo feminino

Paula Maia propõe que o supereu, embora não equivalha ao gozo feminino, tem afinidades com ele: “O supereu é um comando que enuncia uma ordem que visa ao gozo pleno. Se o gozo feminino é um real sem lei, [...] o sujeito masculino tenta fazer disso uma lei de ferro”⁴⁹.

É o gozo feminino como lei de ferro que tem afinidades com o supereu.

Por isso, dizem à boca pequena ser o supereu feminino, veiculado pela mãe ou pelo desejo da mãe... Sigo com Paula Maia. Nas meninas, por serem sempre castradas, e pelo fato de a dissolução de seu complexo de Édipo só ocorrer com a maternidade, “o supereu jamais se torna tão inexorável, tão independente de suas origens afetivas, como se requer que seja no homem”, ela cita Freud, questionando também a solidez da moral feminina⁵⁰.

45 LACAN, J. “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache” [1960]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 673.

46 GARCIA, L. “Um-dizer sobre o impossível de dizer”. Trabalho apresentado na Jornada de Cartéis de 2025 da EBP-SP. Coordenação Mirmila Musse. São Paulo, 06.12.2025.

47 LACAN, J. [1960]. op. cit., p. 674.

48 LAIA, S. “Por que as psicoses... ainda”. Texto de orientação para as 26^{as} Jornadas da EBP-MG, Belo Horizonte, 2023. *apud*. GARCIA, L. op. cit., p. 2.

49 MAIA, P. op. cit., p. 2.

50 FREUD, S. “O Eu e o Id”, op. cit., p. 298, *apud*. Maia, P. op. cit., p. 2

O gozo reenvia ao desejo da mãe como função simbólica irrefreável. Teria a mulher supereu? Ou sua dificuldade com o universal o impediria? Miller diz que essa pergunta é apenas um disfarce diante do problema fundamental do gozo feminino, pois pode demonstrar “a ubiquidade do gozo quando não se localiza como gozo fálico”⁵¹.

O gozo feminino estaria em toda parte? Ubíquo?

9.3. Regra Fundamental

No artigo “O supereu, aliado do analista”⁵², Adriana Campos fala, “quando o analista enuncia a regra fundamental da psicanálise a alguém que lhe solicita ajuda, isso equivale a dizer [cita Lacan em 1975]: ‘será necessário sofrer um pouco para fazer alguma coisa em conjunto. [...] Ao mesmo tempo, o analista encontra um aliado no supereu’”⁵³.

Nada menos evidente! A regra fundamental *diga tudo o que lhe vier à cabeça sem qualquer censura ou restrição* é, justamente, um convite a falar, a liberar a palavra, a distanciar-se dos comandos do supereu.

Porém, segundo Lacan, ao prescrever a regra fundamental ao paciente, o analista estimula o princípio do prazer e, portanto, instiga-o a distanciar-se da armadilha do gozo masoquista do sintoma e da repetição, para aproximar-se do gozo da associação livre, da palavra, “pois a função da palavra não está somente ligada à estrutura da linguagem, mas também à substância do gozo”, conforme J.-A. Miller⁵⁴.

Ao mesmo tempo, ao enunciar a regra, o analista emite o imperativo: *Diga tudo o que lhe vier à cabeça!* Fala como o supereu, incita ao *Goza!* E promete um gozo específico, o da palavra⁵⁵.

9.4. Semblante

Será que podemos dizer de um certo “fazer-se de supereu”, semblante do analista do qual se deveria prescindir com a condição de se servir dele? Lembro-me de um flash clínico. Durante uma sessão, a analisanda diz ter sonhado com a frase: “*Mas, a analista [diz o nome] não me deixaria fazer isso!*”⁵⁶ Essa analista sabe fazer o semblante de supereu.

Qual a diferença com o ato analítico?

É preciso estar alerta para a confusão possível com certa ambição do analista de fazer-se de mestre e, também, com a transferência negativa.

Portanto, nesta conjectura, o supereu pode fazer *bem-feito* em, pelo menos, quatro condições da experiência analítica:

51 MILLER, J.-A. « Clinique du surmoi », op. cit., p. 24.

52 CAMPOS, A. « Le surmoi, un allié de l’analyste ». In : *La Cause du désir – Revue de psychanalyse*. Paris : Navarin Éditeur, n. 118, décembre 2024, p. 43. Tradução livre.

53 LACAN, J. « Sur le plaisir et la règle fondamentale ». In : *Lettres de l’École freudienne de Paris*, n. 24, juillet 1978, p. 23. Tradução livre.

54 MILLER, J.-A. *Coisas de fineza em psicanálise*. A orientação lacaniana. Aula de 06.05.2009. Curso Inédito.

55 CAMPOS, A. [2024] op. cit., p. 44.

56 Relato durante reunião da Comissão de Orientação das Jornadas da EBP-SP 2026.

1. Prover o lugar da satisfação não-negativizável;
2. Esclarecer o gozo feminino como lei de ferro;
3. Auxiliar na regra fundamental;
4. Possibilitar o semblante “fazer-se de supereu”.

Termino este argumento em companhia de Carolina Koretzky e de sua hipótese sobre o que faria alguém buscar a psicanálise em nossa época:

“A demanda de certos sujeitos que hoje nos procuram não é tanto a de afrouxar o cerco de sua alienação ao desejo do Outro, a fim de subjetivar a lógica do que neles se articula sem o seu conhecimento... Talvez venham cada vez mais à procura de um espaço outro, uma ‘respiração’, onde possam se refugiar de um Goza! que nunca se satisfaz”⁵⁷.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, A. *Ce qui commande le surmoi – Impératifs et sacrifices au XXI^e siècle*. Presses Universitaires de Rennes : Rennes, 2022.

CAMPOS, A. « Le surmoi, un allié de l’analyste ». In. : *La Cause du désir – Revue de psychanalyse*. Paris : Navarin Éditeur, n. 118, décembre 2024.

DUPONT, L. “La mentalité, le S1 et la certitude”. In. : *Mental*, n. 49, juin 2024.

FREUD, S. “O Eu e o Id” [1923-1925]. *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 16, 2011.

FREUD, S. “O mal-estar na civilização” [1930-1936]. In.: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. Volume 18, 2010.

GARCIA, L. “Um-dizer sobre o impossível de dizer”. Trabalho apresentado na Jornada de Cartéis 2025 da EBP-SP. Coordenação Mirmila Musse. São Paulo, 06.12.2025.

KORETZKY, C. « Du nouage par le social ». *Mental – Revue Internationale de Psychanalyse*. Euro Fédération de Psychanalyse, numéro 50, Paris, novembre 2024.

LACAN, J. « Sur le plaisir et la règle fondamentale ». In. : *Lettres de l’École freudienne de Paris*, n. 24, juillet 1978.

LACAN, J. “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache” [1960]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 16. De um Outro ao outro* [1968-1969]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. *O Seminário – Livro 10. A Angústia* [1962-1963]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. “Televisão” [1973]. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, J. *O Triunfo da Religião, precedido de Discurso aos Católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. *O Seminário – livro 1. Os escritos técnicos de Freud* [1953-1954]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.

57 KORETZKY, C. « Le nouage par le social », op. cit., p. 72.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

LACAN, J. *O Seminário – livro 18. De um discurso que não fosse semblante* [1971]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. *O Seminário – livro 7. A ética da psicanálise* [1959-1960]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LAIA, S. “Por que as psicoses... ainda”. Texto de orientação para as 26^{as} Jornadas da EBP-MG, Belo Horizonte, 2023.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, junho de 1992.

MAIA, P. “Supereu na diferença sexual e a ubiquidade do gozo”. Trabalho apresentado nas Jornadas de Cartéis 2025 da EBP-SP. Coordenação Mirmila Musse. São Paulo, 06.12.2025.

MENDES, E. *Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites*. Pepsic.Bvsalud.Scielo.

MILLER, J.-A. “Clinique du surmoi”. *Mental – Revue Internationale de Psychanalyse*. Euro Fédération de Psychanalyse, número 50, Paris, novembre 2024.

MILLER, J.-A. “Del superyó à la voz como objeto a-fônico”. In.: *Freudiana*. Revista de la ELP, número 98, parte I, 2023.

MILLER, J.-A. *Coisas de fineza em psicanálise. A orientação lacaniana*. Aula de 06.05.2009. Curso Inédito.

EIXOS

MESAS SIMULTÂNEAS JORNADA CLÍNICA

EIXO 1

Apresentação: EBP-SP – 20/5/2026

MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS PARADIGMÁTICAS DO SUPEREU

EIXO 2

Apresentação: EBP-SP – 17/6/2026

A FEROCIDADE DO SUPEREU E O EMPUXO AO GOZO

EIXO 3

Apresentação: EBP-SP – 12/8/2026

PARADOXOS DO GOZE! NA CULTURA

... buscar referências



imagem: kwherzog-dandelion_pixabay.com

A **Comissão de Referências Bibliográficas** já começou a degustar o tema destas Jornadas: *Bem-feito, supereu!* Nada como um bom aperitivo para abrir nosso apetite... de saber! Para este boletim localizamos algumas citações da convidada: Carolina Koretzky.

As primeiras referências abordam o conceito do supereu em nossa época. Em seguida, um recorte do relato de passe da convidada, onde localiza-se no sujeito o empuxo superegoico frente ao enigma do desejo materno. Por fim, deixamos aqui a indicação de leitura de um caso apresentado por Carolina, *El historiador del detalle*¹, onde é possível acompanhar a localização do supereu materno e como a analista pode incluir o sublimatório do supereu, manejando-o.

Contemporaneidade

É precisamente em torno da questão do supereu que esse comentário dos dois mitos culmina no final do Seminário XVIII, e Lacan retomará no início do Seminário XX, o supereu como imperativo de gozo. 'Qual é a prescrição do supereu? Ela se origina precisamente nesse Pai original, mais do que mítico, nesse apelo como tal do gozo

1 KORETZKY, C. El historiador del detalle. In: MILLER, J.-A. *La conversación clínica del UFORCA*. Olivos, AR: Grama. 2020. p.125-144.

puro, isto é, à não castração' [Seminário XVIII]. O imperativo de gozo puro exige a não castração, que obriga a gozar sem falta e a renovar sem cessar a satisfação no desconhecimento da dimensão da perda. Essa leitura de Lacan nos introduz às consequências no social de um supereu que não é mais pensado a partir da introjeção parental – supereu simbólico que andaria de mãos dadas com o ideal – mas um supereu ligado ao gozo que se alimenta da renúncia pulsional e que exige sempre mais².

'Gulodice' e 'ordem de ferro', eis duas formas do supereu na época da evaporação do Pai da tradição. Lacan, em seu retorno e releitura de Freud, nos permite fazer face às mudanças do século XXI. Assim, a demanda de certos sujeitos que vêm hoje nos ver não é, sem dúvida, tanto a de afrouxar a pressão de sua alienação ao desejo do Outro a fim de subjetivar a lógica do que se articula neles à sua revelia [...]. Talvez esses sujeitos venham cada vez mais buscar um espaço outro, um 'respiro', onde se abrigar de um Goza! que nunca satisfaz a sua fome³.

No lugar da lei, uma ordem de ferro, como se a lei se opusesse à ordem de ferro. Ou seja, tal como dizemos: 'O Deus que expulsamos pela porta entra pela janela', há algo dessa ordem. Uma vez expulso o pai simbólico da tradição, o regresso seria ainda mais feroz do que a lei desse pai expulso⁴.

Passe

Eu percebi a ambiguidade nessa frase materna: 'Eu falei com você e você quis viver'. Eu interpretava a frase em seu aspecto superegoico, até feroz. Eu não queria mais ter que querer viver, mas sim viver, sem esse esforço constante que me obrigava todas as noites a responder à mesma pergunta: então, esse dia foi ou não intensamente vivido?⁵.

2 KORETZKY, C. Du nouage par le social. *Mental - Revue internationale de psychanalyse*. Eurofédération de psychanalyse: Difpop/Pollen, n° 50: Gourmandise du surmoi, p.67-72, Novembro, 2024. [tradução nossa]

3 Idem. [tradução nossa]

4 KORETZKY, C. Subjetividades Contemporâneas. In: *Psicoanálisis Lacaniana*, 2026. Acesso em 30/01/2026. Disponível em: <https://psicoanalisislacaniano.com/2026/01/30/ckoretzky-subjetividades-contemporaneas-20260130>. [tradução nossa]

5 KORETZKY, C. Partir/chegadas (com comentários de J.-A. Miller). In: *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: EBP, n.95, p.97-111, Outubro, 2025.

... propor o
seu trabalho



imagem: prasongsom-ant_pixabay.com

Orientações para o envio de trabalhos:

1. Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em

Times New Roman 12, justificados, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página;

2. Colocar no cabeçalho

o título do trabalho, o nome do(a) autor(a), endereço de e-mail e o eixo temático no qual o trabalho se insere;

3. Os textos devem ser enviados

em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto: **Bem-feito, supereu!** – envio de trabalhos;

4. Enviar para: trabalhojornadasebpsp@gmail.com

5. Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.

| Não é necessário ser membro da EBP ou associado de algum Instituto;

6. Data limite para envio dos trabalhos: **12/09/2026**;

Eixos temáticos

EIXO 1 – Manifestações clínicas paradigmáticas do SUPEREU

EIXO 2 – A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

EIXO 3 – Paradoxos do Goze! na cultura

... garantir sua inscrição

Convidamos todos a se inscreverem nas XIV Jornadas da EBP-SP:
Bem-feito, supereu!

Para dúvidas e informações adicionais, entre em contato pelo e-mail
jornadas.ebpsp@gmail.com

Link de inscrição: <https://forms.gle/CfD239rTmwBtg5Y3A>



imagem: alexpee07-hieroglyphs_pixabay.com

... conhecer
a diretoria e
as comissões
organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)

Eliane Costa Dias

Heloísa Prado da Silva Telles

Marilsa Basso

Niraldo de Oliveira Santos

Patrícia Bichara

Rômulo Ferreira da Silva

Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)

Ana Stela Sande Segue

Clara Ottoni

Fábio Saad

Felipe Bier

Helena Daquanno Testi

Luisa Fromer

Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
Francisco Lemes
Renata Alves Fornaciari
Renata Duarte
Janaína de Paula Costa Veríssimo
Bianca Wierman
Katia Ribeiro Nadeau
Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
Alan Seabra
Fernanda Gelesko
Layla Thamm
Leandro Verzignassi Nunes
Lilian Beiguelman
Maíra Tumbiolo Tosi
Priscila Tavares Viviani
Renata Perche
Ruth Galvão de Barros
Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
Eduardo Vallejos da Rocha
Gabriela Ponte Rodrigues
Izabel Abreu
João Paulo Desconci
Luciana Ernanny Legey
Perpétua Medrado Gonçalves
Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
Clarissa Carvalho
Emmanuel Nunes de Melo
Francisco Durante
Gustavo Menezes

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Patricia Badari
Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
Camila Morelli
Camilla Baratto
Caroline Silva
Flaviana Pires Oliveira
Lorrany Corrêa
Natália Cassim
Rosangela Turim
Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
Eduardo Caliendo Marchesan
Jefferson Nascimento
Helena Andrade
Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
Teresinha Prado
Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
Ana Maria Almeida Guerra
Ana Sofia Guerra
Carolline Rangel
Cynthia Gindro
Edgley Duarte de Lima
James Valeriano
Milena Vicari Crastelo